DOCUMENTO ORIGINAL

DA

MAÇONARIA PORTUGUEZA

OU

TERCEIRO ENSAIO ANTI-RELIGIOSO

QUE HUM SACERDOTE PEDREIRO LIVRE
DIRIGIO EM DATA DE 20 DE ABRIL DE 1826 PARA LISBOA
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR A. P.

PUBLICADO, E COMMENTADO

POR

FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA,
Monge de Alcobaça.

LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA.
1829.
Com Licença.

Extingue ignem sacrorum antistes, reverere lampades ô tu qui faces geris, tuum Iacchum Lux arguit. Permitte nocti, ut celet mysteria, et orgia honorentur tenebris. Ignis non dissimulat, et arguit, et punit quæ jubentur. Hæc sunt impiorum, et qui sunt plane sine Deo mysteria. Impios autem eos et sine Deo jure voco, qui eum quidem qui est vere Deus, ignoraverunt.

T. Fl. Clementis Alexandrini adhortatoria ad Græcos seu ad Gentes. Edit. Paris. an. 1612 P. 17 L. 54—61.

ADVERTENCIA.

ACABO de fazer huma viagem literaria, em que só levei o fito de examinar os Cartorios, e as tradições dos Mosteiros da minha Congregação, e de ajuntar o que podesse fazer para o meu intento de publicar a Historia Chronologica, e Critica das suas fundações. Onde eu menos o esperava, quiz a Providencia do Senhor que me viesse ter á mão hum Documento original da Maçonaria, que logo me pareceo necessario offerecer ao Público, para que muitos se desenganem por huma vez de qual he o fim das Associações Maçonicas, e de quanto importa que sejão exterminadas para sempre do Solo Portuguez. Conheci muito bem o Sacerdote Auctor do Ensaio, e tractei algumas vezes com elle; tinha assaz motivo para desconfiar da sua orthodoxia, porém nunca julguei que subisse a tal ponto a sua audacia, e a sua maldade. Era dotado de algum talento; mas faltavão-lhe de todo os subsidios necessarios para constituirem hum sabio, ou simplesmente hum erudito. Metteo-se-lhe na cabeça que pela Carta de Pedreiro Livre desembaraçaria o caminho para as mais altas Dignidades deste Reino, e só com esta esperança he que se alistou na Maçonaria, e blazonou de ostentar o mais sacrilego desprezo das Verdades Christãs, e da propria Segunda Pessoa da Sanctissima Trindade... Bem se colhe do terceiro Ensaio que já tinha escripto primeiro, e segundo (e assaz o indica a numeração de pag. 323, em que elle começa), e que erão do mesmo jaez; o que todavia custa a crer, quando se vê que o terceiro parece tocar as ultimas balizas da incredulidade.

Quem duvidará daqui em diante que nas Lojas Maçonicas se tracte de abolir o Christianismo? Que neste sentido se commetteo a hum dos *Irmãos* o trabalho literario, que vai ser examinado, e julgado pelos meus leitores? Quem negará que sejão impios estes, como themas, que a Sociedade costuma distribuir aos seus alumnos? Pouco tempo gozou este os applausos da Irmandade, pois na flor de seus annos, e dando bastantes indicios de que era ferido pela mão de Deos,

acabou os seus dias; e oxalá que os Sacramentos da Igreja, que recebeo pouco antes de morrer, produzissem nelle os fructos de benção, para que o seu Divino Auctor os instituio!

Não faltará quem diga, ou suspeite que houve alguma ficção, ou demasia da minha parte; mas bem sabem os Pedreiros Livres que em 24 de Agosto de 1823 assistírão na Loja *Aubril* á entrada ou recepção deste adepto, e que por vezes recebêrão, e louvárão os seus trabalhos; bem sabem torno a dizer que eu não minto... Pára na minha mão o autographo, posto que já mutilado, do terceiro Ensaio; tenho esperanças de haver o primeiro, e segundo, e conheço a letra do Auctor.

TERCEIRO ENSAIO.

» *Copia do meu terceiro Ensaio, que remetti para Lisboa*
» *em 20 de Abril de 1826; e da Carta, que dirigi ao*
» *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor A. P.*

CARTA.

» Tenho a honra de levar aos pés de V. Exc.ª a continua-
» ção dos meus trabalhos literarios, que prometti á Assembléa
» em Carta de 30 de Março de 1825, e que foi applaudida
» pelos Membros da Sociedade Oriental, quando V. Exc.ª
» me fez a distincta honra de lêr á mesma Assembléa a indi-
» cação individual do meu Plano. O benigno acolhimento
» dos dous primeiros Números me afiança o bom successo
» deste; e esta gloria bastará para a plena retribuição dos
» meus Escriptos. Praza ao Grão Architecto do Universo
» que elles contribuão para a feliz consecução do grande pro-
» jecto, que premeditamos, e para público luzimento da As-
» sembléa, que V. Exc.ª tão sabiamente preside, protege, e
» nobilita. Taes são, Excellentissimo Senhor, os meus arden-
» tes votos; sirva-se V. Exc.ª recebe-los, e faze-los presentes
» aos nossos honrados Cooperadores.

PREFAÇÃO.

» Já adverti no meu primeiro Ensaio que as materias,
» de que tracto, não podem por ora ser discutidas com toda
» aquella clareza, e individuação, de que são susceptiveis. Se
» raiar hum dia, em que esta Obra possa gozar da luz públi-
» ca, supplico aos meus leitores queirão relevar alguns defei-
» tos, ou palavras menos expressivas, attendendo ás criticas
» circumstancias do tempo, em que escrevo.

Reflexões do Editor.

Quem lê esta Prefação talvez fique julgando que o A. usará de alguns disfarces, ou rodeios em a manifestação de suas pestilenciaes doutrinas; porém o texto immediato vai destruir esta illusão, e pôr em toda a luz até que ponto chegava o seu entranhavel odio, não só aos principaes fundamentos da Sociedade Civil, mas tambem, e ainda mais á verdade e sanctidade do Christianismo.

TEXTO.

» ENSAIO TERCEIRO SOBRE A RELIGIÃO.

POR....

» *Felix qui potuit rerum agnoscere causas.*
Virg.

» A terra em sua primeira fecundidade produzio os ho-
» mens. Os homens por acaso, e por reciprocas necessida-
» des se reunírão em Sociedade: a propriedade começou:
» seguírão-se as violencias: o homem não pôde reprimi-las:
» descobrírão-se os deoses. »

Reflexões, e Refutação.

Em tão poucas palavras não he facil dizer maior número de sandices. Que a terra produzíra os homens já o dissetão os Poetas e Filosofos antigos; nem era muito que, faltando-lhes huma noticia a mais importante, qual he a idéa de *Creação*, ou admittissem a eternidade da materia, ou tropeçassem no absurdissimo Pantheismo; porém agora depois de tantas luzes da Revelação Divina, e já depois de aberto o caminho facil, que em hum só instante ensina a qualquer dos nossos aldeões o que nunca poderião saber os que só frequentassem, ainda que fosse toda a vida, a Stôa, ou o Portico = *Em o principio creou Deos o Ceo, e a Terra* = não ha, nem póde haver outra explicação de tal fenomeno de extravagancia, e de impiedade senão esta = O Escriptor era Pedreiro Livre; e hum Pedreiro Livre, ainda que seja hum estupido, por si mesmo faz authoridade. Pode traçar huma nova sementeira de dentes, como a que fez Cadmo, para sahirem della homens já promptos, e armados; póde attribuir

meramente ao acaso a origem da Sociedade; e ainda que em outro tempo dar-se o acaso ou nullidade de razão, como verdadeira razão de taes cousas, era o mesmo que ter direito á casa dos orates, ou pelo menos a huma apupada geral de ignorante, ou de mentecapto, agora já correm outros ares; e depois que os Pedreiros Livres derão alta ao proprio *Acaso*, investindo-o de plenos poderes de crear o Ceo, e a Terra em differentes choques, e varias quédas de rabos de Cometas, e outras semelhantes galanterias, que muito he se huma cousa grande, qual he a Terra, parir *casualmente*, não algum ratinho, porém os homens! E se os parisse já preparados de *avental*, e *trolha*, já feitos Pedreiros, que ditosas crias! Quanta honra darião á sua Mãi.

Temos pois a Sociedade filha do *acaso*, a propriedade he *neta*, as *violencias* bisnetas, e os *Deoses* terceiros netos!

Quanto póde o acaso nas mãos, ou debaixo da penna de hum Pedreiro Livre! Lá me confessou todavia que o *homem não póde reprimir as violencias*.... Nessa parte deveria ser estranhado pelo Excellentissimo Veneravel, ou Presidente, pois nessa palavrinha, em que julgou fazer humana a origem do Christianismo, lançou, sem querer, como as sementes da necessidade da Revelação, e admittidos implicitamente os beneficios, que a Religião tem feito ao mundo; parece dizer por outras palavras = *Quando não houvesse Deos, era preciso inventa-lo, sob pena de acabar o mundo*; porém isso he nada; ha muito que hum Pedreiro Livre o está de ser coherente comsigo mesmo; e por mais que delire, e blasfeme, tudo se lhe perdoa, e ainda em cima se lhe remette huma insignia flamante de Rosa Cruz bordada a ouro, e pendente de huma fita verde!

Depois de huma breve digressão sobre os males, que o Fanatismo ha causado ao Genero humano, e que, por ser traduzida de livros assaz conhecidos, e já sobejamente refutados, só causarião tedio aos meus leitores, prosegue:

» He aqui, ó Povos, que eu procurarei pintar os ma-
» les, que o fanatismo fez aos homens, descobrindo a origem
» da Religião a mais horrivel, e ridicula que a corrupção
» das gentes tem excogitado.

» Que me não seja permittido sepultar em hum profun-
» do esquecimento estas torpezas abominaveis! Mas eu cla-
» mo em defensa da verdade; he preciso salva-la do oppro-
» brio, em que jaz obscurecida: he preciso esclarecer o Uni-
» verso. Não ignoro que exponho os meus dias, e talvez a

„ minha memoria ao resentimento de huma *facção* perigosa,
„ e vivamente empenhada na manutenção deste colosso de-
„ testavel. Que importa? Hum amigo da verdade deve fechar
„ o seu coração a todos os movimentos do temor, e ainda
„ de piedade, quando se tracta da felicidade de seus Irmãos,
„ e dos sagrados direitos da Humanidade. „

Horrivel, ridicula, excogitada pela corrupção das gentes huma Religião amavel por natureza, sublime em seus dogmas, e em seus preceitos, e a maior inimiga da corrupção das gentes!! Quando ella appareceo no mundo como vivião as gentes? Submergidas no absurdo Polytheismo, adorando por Deoses os animaes, e as proprias hervas do campo, levantando altares á prostituição, celebrando as Festas Lupercaes, e Bacanaes, sacrificando hum sem número de victimas humanas, sanccionando a escravidão legal do sexo feminino, e envilecendo a cada passo a dignidade do homem!! Eis o estado felicissimo, de que, segundo os Maçöes, nunca deveria ser tirado o Genero humano; e se a nossa Divina Religião fez hum grande mal á Sociedade, he preciso que ou se renovem todas aquellas torpezas, abominaçöes, e maldades, que o Maçonismo antepõe á Sancta Religião de Jesu Christo, ou que algum Filosofo Pedreiro conceba, e execute o projecto de livrar os homens das garras do fanatismo. Quem será este homem? Donde lhe virá o poder necessario para levar ao fim a mais ardua, e agigantada de todas as emprezas? *Talvez do Grande Oriente* de Lisboa? E que sancção porá elle ás suas Leis por tal arte que o Genero humano dobre humildemente o pescoço ao jugo das novas doutrinas? Não tem a Maçonaria nem Socrates, nem Platões, nem cousa que de mui longe os represente. Estes apenas souberão lastimar a cegueira dos homens, confessando de plano que sem huma luz do Ceo nunca poderião ser encaminhados para a verdadeira sabedoria. Seiscentos annos de estudos, e averiguações sobre o prodigio chamado *homem*, não deixárão aos Filosofos outra certeza mais que o de serem incuraveis os males, que pertendião remediar. Escolas inteiras, dedicando-se noite, e dia a buscarem os meios de estorvar ao menos o progresso dos males, com que o Polytheismo inundava a terra, não podérão chamar ao seu dever, nem sequer huma pequena aldêa da Grecia, que, tendo aberto o saudavel exemplo de reforma, lhes désse alguma esperança de que os seus semelhantes ainda poderião abraçar as mesmas doutrinas. Não fez nada á sabedoria dos antigos; e que poderá fazer a dos mo-

dernos? *Vai esclarecer o Universo*, para o que bastará fazer-se Pedreiro Livre, hum mancebo de vinte e cinco annos de idade, que, não obstante o ser hospede nas Sciencias, deite mãos á obra de alagar o que elle chama *colosso detestavel do Christianismo;* e visto que a Divina Missão do Patriarcha Moysés he hum dos fundamentos principaes, em que descança a genuina Revelação, ahi o temos Copista de Volney, e fazendo por arremedar o seu estilo declamatorio.

„ Vós conheceis, ó Povos, esta gente ignominiosa, que „ sua conducta, e seus desertos separão do genero humano: „ este povo odioso, que expulsou o divino Tito. Hum fana- „ tico orgulhoso chamado Moysés, por huma serie de crimes, „ sedições, grosseiros prestigios, e atrocidades, tirou este po- „ vo da servidão, em que merecia gemer eternamente. Elle, „ constituindo-se seu Chefe, o conduzio ao meio das arden- „ tes arêas da Arabia. Elle lhe promettia, em nome do deos „ Jehova, huma terra, aonde correria o leite, e o mel. De- „ pois de quarenta annos chegárão os Judeos a esta terra „ promettida: e para cumulo de todas as maldades, pretex- „ tando huma positiva determinação do deos, que adoravão, „ assassinárão seus infelizes habitantes. Este jardim delicioso, „ na frase do virulento impostor, era a esteril Judéa, peque- „ no valle pedregoso, sem trigos, sem arvores, e sem aguas. „ Retirados ao seu domicilio estes guerreiros só se fizerão no- „ taveis pelo odio ao genero humano: elles vivião no meio „ dos adulterios, das mortes, e das crueldades. Que poderia „ brotar desta raça odiosa? Outra mais detestavel, os Chri- „ stãos. Elles tem excedido os Judeos em seu execrando fa- „ natismo. „

Não me custou pouco a suster a penna, quando escrevia taes blasfemias. Duas considerações bem differentes huma da outra me assaltárão ao mesmo tempo. Ver assim tractado o Libertador dos seus Compatriotas, o Legislador secundario do Povo de Deos, hum Varão Sancto, que mereceo a honra de ser hum dos typos mais signalados do Homem Deos!! E vê-lo assim tractado, e vilipendiado em hum Reino, que ainda ha cincoenta annos era de todos os Christãos o mais puro na Fé!! Mal poderia eu com os effeitos de tão amargosa consideração, se ao mesmo tempo não visse no mui Alto e Poderoso Senhor D. Miguel I. o instrumento da Providencia, que bastou apparecer neste Reino para logo ter mão no progresso espantoso de taes doutrinas.

Bem sabem os doutos, e versados na Historia do antigo Testamento, que nenhuma destas blasfemias he original do *auctorsinho* Pedreiro; todas vem de muito longe, e forão remoçadas pelo sacrilego auctor da — *Biblia em fim explicada.* — Muitas vezes se tem fallado nesses chamados crimes de Moysés, de que nem Tito Judeo, nem Flavio José tiverão noticia, e nem ainda o proprio testemunho de Tacito, que era hum pagão, he desfavoravel a Moysés. Tractão de prestigios aos estupendos milagres, que signalárão a sahida, que o Povo de Israel fez do Egypto; e com que o provão? Com hypotheses, e fabulas, que não tendo o mais leve fundamento na historia, só arguem a má fé, e a ignorancia de quem as produz. Se matárão os povos de Canaan, he porque assim lho mandou quem he Senhor da vida e da morte, e que só no conceito dos Mações terá menos poder, e authoridade que o *divino Tito.* A objecção tirada do que hoje parece esteril Provincia da Palestina, refuta-se plenamente pelos authorisados testemunhos de Plinio, de Solino, e de Tacito, affirmando este que a Judéa he hum paiz fertil — *uber solum* — que abunda nos mesmos fructos da Italia — *exuberant fruges nostrum ad morem* — excedendo-a todavia em dous artigos, que vem a ser o balsamo, e as tamaras — *prœterque eas balsamum et palma* — (1), e admira que huns homens dotados de conhecimentos geologicos estranhem que hum paiz outr'ora o mais abundante, onde parecia correr o leite, e o mel, se convertesse pelo andar dos seculos em hum paiz esteril, e menos productivo do que antes era, sem fallarmos agora da indole do governo dos Turcos, que ninguem dirá ser o mais favoravel aos progressos da agricultura, e que só de per si muito bem explica a presente decadencia, e esterilidade da Palestina. Deixando estas miudezas, que todo o homem, que souber traduzir Francez, poderá lêr nas immortaes obras do Abbade Bergier, consideremos attentamente o que fez Moysés, e acharemos em todo o seu proceder, e em todas as suas Leis impresso o cunho celestial da embaixada, que recebêra do Todo-Poderoso para libertar, e conduzir o seu Povo.

No meio das trevas, que cobrião o genero humano, apparece esta luz radiosa, que não podia tirar das Sciencias do Egypto nem ainda os mais pequenos resplendores, quero dizer, nem ainda essas Leis penaes, que endereçando-se ao altissimo fim de levantarem huma especie de trincheira insuppe-

---

(1) Hist. L. 5 N. 1. Ed. Antuerp. an. 1607 pag. 426.

ravel entre este povo, e os mais da terra, e de o preservarem do contagio da idolatria, são outras tantas provas intrinsecas da Missão Divina; o que he tão certo que a Legislação de Moysés dêo materia a hum sabio Allemão para seis volumes, de que consta hum sapientissimo Tractado sobre o Direito Mosayco, onde se mostra até a evidencia que tal Codigo feito em taes tempos não foi, nem podia ser obra de hum homem; e com effeito quem revolver as obras inteiras dos Filosofos antigos, para descobrir até onde chegárão os seus estudos na parte moral da Filosofia, e ao sahir desse como labyrintho de sofismas, de contradicções, e até de puerilidades, e fitar os olhos sem prevenção no Decalogo, necessariamente ficará persuadido que, se até hi tractou com homens, agora, melhorando de condição, já ouve a palavra de Deos.

Notemos de passagem a *Filantropia Maçonica* em respeito aos Judeos. Estes miseraveis erão dignos de huma escravidão eterna, e nem se quer merecem hum lançar de olhos compasivos á Seita, que blazona de fazer livre o genero humano. He rigor demasiado, que não assenta bem nesses corações disvelados pelo bem de todos os homens; porém estes homens, *estes malditos Judeos* são exceptuados da regra geral pelo crime horrendo, e irremissivel de terem sido os depositarios das promessas Divinas. He pois certo, e fóra de toda a dúvida que os Mações, capitaes inimigos de Jesu Christo, e do nome Christão, forçosamente o devião ser de Moysés, e da Lei, que de ordem expressa do Senhor, elle promulgou aos seus compatriotas (*).

» Os Hebreos, que erão grosseiramente fascinados por
» supersticiosos sacerdotes, esperavão de sua fraqueza, e bai-
» xeza hum Monarcha, que pela não interrompida serie de
» seus triunfos, e conquistas devia entregar em suas mãos o
» sceptro do universo. O estrondo desta promessa espalhou-se
» rapidamente.. A mulher de hum vil artista dêo o nasci-
» mento a este . . . .
» . . . .
» . . . .

Faltarei neste lugar á inteireza do Ensaio, porque as

(*) Salta aos olhos a incoherencia e ignorancia do A. Maçon do Ensaio com os principios, e origem, que os Mações dão ao Maçonismo, que vão buscar á fundação do Templo de Salomão, louvando tanto em suas Canções o seu Hirão, Adonirão etc., o que tudo he desses mesmos Judeos.

blasfemias vomitadas por este satelite da Maçonaria, ou do Inferno contra a sacrosanta, e adoravel Pessoa do *Verbo Incarnado*, são taes que eu só de as escrever temeria que se me seccasse a mão... Ainda hoje os *Irmãos* disseminados por este Reino se comprazerião de as lêr; e os bons Christãos facilmente desmaiarião até ao ponto de cahirem por terra... Das que eu transcrevo se poderá concluir que taes erão as supprimidas.

» Sua moral he pura, diz-se; mas poderá exceder as » virtudes de Socrates, Zeno, ou Pythagoras? Eu não o » acredito. »

Moral, que excede a moral entendo eu; porém moral, que excede as virtudes, he huma pequena liberdade do estilo Maçonico, que não he dos mais correctos. Se por acaso se tracta de contrapor as virtudes de Socrates, Zeno, ou Pythagoras ás ineffaveis perfeições do nosso Deos e Senhor Jesu Christo, bastaria o testemunho de hum dos oraculos da Maçonaria, do *Selvatico Rousseau*, para nos inteirar de que Socrates, bebendo a Cicuta para obedecer aos Magistrados de Athenas, está infinitamente longe da constancia do Filho de Maria; e que se o primeiro parece morrer como heroe, o segundo expira como Deos verdadeiro, que he; mas creio que o Pedreirinho tractou de instituir huma comparação entre a Moral Filosofica, e a do Christianismo. Ora: eu tenho lido a que chamão de Socrates, qual nos he referida pelos seus discipulos Platão, Xenofonte, Eschines, e outros, e nunca me foi possivel achar o preceito de amar a Deos sobre todas as cousas; nem o primor da Caridade Christã, que he a obrigação de amar os inimigos. Conhecêrão a existencia de Deos; porém não lhe derão nem a gloria, nem o culto verdadeiro, que lhe pertencia; e esvaecidos em suas cogitações adoravão os idolos, como faria o mais obtuso dos seus compatriotas; o que he tão certo que o mesmissimo Socrates antes de morrer pedia encarecidamente aos seus discipulos que não se esquecessem do sacrificio de hum gallo a Esculapio.

Em quanto á moral de Zeno, ou Zenão Citheu, fundador da Seita Estoica, só direi que, confundindo elle a natureza com o seu Auctor, o que muito bem se colhe de dous lugares terminantes do Filosofo Seneca (L.° 4.° *de Beneficiis* Cap. 7.°, e L.° 4 *de quæst. natur.* Cap. 45), poz hum fundamento o mais proprio para a completa destruição da Moral; e se algum estupido admirador da Filosofia Estoica ain-

da hoje teimar na excellencia de suas doutrinas póde lêr o que o sabio Plutarco escreveo — *de repugnantiis Stoicorum* — e ficará muito bem desenganado.

Outro tanto direi de Pythagoras, e deixando por ora em reserva os principaes motivos da veneração, que os *Veneraveis* tem a este Filosofo, notarei, escudado em hum bom Juiz de taes assumptos, que elle não se póde lavar facilmenre da nodoa de Atheismo; porque ensinando claramente que Deos era a alma do Mundo — *Pythagoras, qui docuit (Deum) animum esse per naturam intentum et commeantem (Cicero, de Natura Deorum L.° 1.°)* não era dos mais bem talhados para erguer sobre tal fundamento, ou preludio do Spinozismo algum edificio moral, que fosse digno de attenção, mormente accrescendo-lhe a transmigração das almas, e toda a frivolidade da arte Divinatoria, com que mais se apertárão, e confirmárão, do que enfraquecêrão as superstições do Gentilismo.

Tornando pois ao *divino Socrates*, por ser o de maior monta neste elencho de Filosofos Moralistas, farei huma observação, da qual já por muitas vezes tirárão grande partido os mais sabios apologistas do Christianismo. Quanto mais os Pedreiros exaltarem as virtudes, e a moral de Socrates, tanto mais se liquidará, e patenteará a quem não estiver fascinado de prejuizos de seita, que esse Corifeo da sabedoria humana falhou inteiramente na empreza de illustrar, e melhorar os homens, e que não foi sem huma especial Providencia esse apparecimento de huma cohorte de Sabios Gregos e Romanos, para se vêr que a sabedoria humana era vã, e insufficiente para o desempenho dos grandes fins, que se propuzera; e que o Christianismo, longe de aproveitar a ignorancia, teria de combater os maiores sabios do Universo; e que a Missão Divina de Jesu Christo era a voz do Ceo clamando a toda a terra — Está mostrado que não podeis nada, segue-se mostrar que só eu posso tudo — *Ego Dominus.*

» Bem depressa foi prezo pelos seus discursos, e praticas » sediciosas: e querendo só conduzir os homens ao Ceo, don» de se jactava de ter baixado, começava por destruir, e es» migalhar os mais gratos, e preciosos vinculos da Socieda» de.

Aperta-se-me o coração ao vêr que hum Portuguez (e hum Sacerdote!!) assim blasfema de Nosso Senhor Jesu Christo... Onde estarão esses discursos, e praticas sedicio-

sas? Nos quatro Evangelhos certamente não; antes lá se vê o contrario a cada pagina... Sedicioso lhe chamárão os Judeos, apezar de que elle fugio ao vêr-se nomeado Rei, e mandou que se pagassem os tributos ao Cesar; porém hoje quem repetir maior número de blasfemias antigas, e novas, será tido pelo mais benemerito da *irmandade.*

Esmigalha os mais gratos, e preciosos vinculos da Sociedade! E a Sociedade inteira corre a alistar-se debaixo do seu estandarte, que por si mesmo só annuncia mortificação, penitencia, e abnegação propria, que tudo se encerra debaixo do nome de Cruz!! Não os esmigalha, antes os fortalece cada vez mais, e lhes imprime hum gráo de consideração, e força, que nunca lhe saberião dar os teus Socrates, e os teus Zenos.

„ Condemnado a morrer em huma Cruz, elle expira nes-
„ te tormento ignominioso, e com elle as estereis esperanças
„ de hum povo vergonhosamente vilipendiado, e illudido.
„ Hum jardineiro escondeo seu Corpo, seus Apostolos excla-
„ mão que Jesus resuscitou: elles prégão seu Mestre á multi-
„ dão admirada. Estende-se a Superstição, os Christãos tor-
„ não-se huma Seita numerosa, e formidavel. Hum culto
„ nascido nas infimas classes do povo, propagado por escra-
„ vos, escondido logo em lugares obscuros, se carregou pou-
„ co e pouco das abominações, que o segredo, e os costumes
„ ferozes devem naturalmente produzir. „

Sim, condemnado a morrer, expira em huma Cruz, e fazendo o que Socrates não poderia fazer, levantava ao Ceo os seus olhos escurecidos já pelo sangue, que lhe manava da Sacrosanta Cabeça, já pelas sombras da morte, que estava prestes a ferir a melhor de todas as victimas; e tendo presentes essas blasfemias, com que tu lhe pagavas tão desmedido amor, incluia-te assim mesmo na Oração, que fez pelos Judeos, que o matavão, parecendo exclamar em teu favor = Meu Pai, usa de piedade com este cego, que não conhece o mal que faz; pois tem nelle ainda mais parte a ignorancia que a maldade =.

Desse povo, que chamas vilipendiado, e illudido, correm proselytos a milhares para abraçarem a doutrina do Evangelho. E não poucos dos que se esquivárão de o ter por Mestre, e que o tractárão de sedicioso, passados não muitos annos poderão vêr o complemento das suas ameaças sobre a Cidade de Jerusalem! O Sangue do Justo cahindo sobre elles

por espaço de dezoito seculos ainda não permittio (sem embargo de todos os esforços dos Sabios, e dos Legisladores) que se confundisse ou apagasse a linha de separação, que os distingue de todos os mais povos! Quem são os descendentes dos Assirios, dos Carthaginezes, e de outros povos muito mais consideraveis que o Judaico? Eis huma pergunta, que ficará necessariamente sem resposta, que satisfaça, o que todavia não succede a outra = Que he feito dos Judeos? Testemunhas, ainda que involuntarias, da sanctidade, e verdade do Christianismo, vagueão por todo o Mundo; e todo o Mundo os conhece, e aponta como descendentes dos que matárão o Auctor da vida!

Desgraçado! Sem o advertires fizeste a mais completa refutação dos teus delirios. Esses homens, ou escravos, como dizes, ou *tirados da infima plebe*, conseguem triunfar do Mundo inteiro. Quanto mais os deprimir a tua penna sacrilega, tanto mais cresce, e se levanta a gloria, que lhes provém da conquista espiritual, que fizerão! Ha mais de cem annos que os teus confrades aspirão á mesma gloria: tem recrutado Ministros d'Estado, Bispos, e até Principes, e com taes protecções, ainda estão infinitamente longe de acertarem no alvo, a que se endereção os seus tiros. Nem jámais o poderão conseguir; porque a Igreja, que fundárão esses doze *plebeos* está firmissima sobre a pedra, em que seu Divino Fundador a assentou, e ainda que o inferno vomitasse contra ella infinitas legiões de Pedreiros Livres, tudo seria infructuoso, e baldado.

He todavia falso que somente escravos abraçassem o Christianismo. Por certo que não era escravo Nicodemos, pessoa principal entre os Judeos; nem o erão as pessoas nobres, de que se falla nos Actos dos Apostolos, nem as da Casa e Familia do Imperador de *Roma*. Não erão escravos os Justinos, os Clementes de Alexandria, os Athenagoras, e outros Sabios, que no maior auge das perseguições contra os Fieis, antes quizerão a ignominia da Cruz, que o serem considerados, e respeitados em suas respectivas Cidades. Do mesmo que proferes em menoscabo da Religião se colhe huma das suas mais excellentes prerogativas. Se a Religião Christã não fosse talhada para os escravos, assim como o he para os nobres, não seria digna de hum Deos, que he Pai commum de todos os homens.

He vergonha que, fazendo-te Judeo contra as tuas sanguinarias inclinações, ouses fallar no cadaver furtado pelo Jardineiro. Queres fugir de hum Deos resuscitado que, vencedor

da morte, e do inferno, faz cahir a Idolatria, para te lançares nos braços de hum homem morto, de hum cadaver, a quem não duvidas attribuir hum igual prodigio!

Este homem, para mostrar em tudo a sua ignorancia, não cura nem de Profecias do antigo Testamento, verificadas em o nascimento, prégação, e morte de Jesus com tal clareza, que o Profeta Isaias parece rigorosamente hum Historiador da Nova Alliança, hum Evangelista; nem dos milagres feitos em presença de grande número de testemunhas, e a que os seus inimigos só oppunhão, que erão obrados em nome de Beelzebub; porque não se atrevião a negar-lhes a existencia.

De todos os milagres de Jesu Christo, o da sua Resurreição, sem embargo de ser o mais estrondoso, ainda que se considere simplesmente como hum facto, he o mais bem provado que se encontra em todas as Historias antigas, e modernas. Quem recorre ainda hoje ao furto do Cadaver, ou pelo Jardineiro, ou pelos Apostolos, prova de estar bem atrazado nestas materias, e não conhece os precipicios, ou absurdos, em que forçosamente vai despenhar-se; e com effeito, para achar nesses mesmos Apostolos, que erão timidos, que erão da *infima plebe*, que não erão sabios, tal força, e poder, que persuadissem o Mundo inteiro de huma fabula, he necessario ter cabeça de Pedreiro Livre, onde alojem á vontade todas as contradicções, parecendo-lhe axiomas todas as vezes que impugnarem as verdadee fundamentaes do Christianismo.

Em quanto á baixeza de sentimentos, e aos *ferozes costumes* dos primeiros Discipulos do Evangelho, basta fazer aqui menção da Carta de Plinio o moço a Trajano (1); pois tal he a força da verdade, que até dos proprios inimigos naturaes do Christianismo arranca testemunhos, que, sendo-lhe por extremo favoraveis, deixão assaz convencida de insubsistente, e calumniosa toda a asserção em contrario.

Os primeiros Christãos erão ferozes, e rogavão a Deos pela conservação, e felicidade dos seus perseguidores! Erão fanaticos de nova especie, que nunca se rebellárão contra os Imperadores Romanos, que tão desapiedada, e cruelmente os perseguião! Valião-se do segredo das trevas, e enchião, como assevera Tertulliano, as praças, as Cidades, as Provincias, e todo o Imperio, deixando apenas livres, e desembaraçados os templos do Paganismo! Eu sou Christão, era a res-

(1) L. 10 Ep. 99.

posta geral destes homens *ferozes*, quando erão perguntados pela sua crença. Davão esta resposta os meninos, que apenas balbuciavão aquellas palavras, e a davão igualmente os velhos, já decrepitos; e a virgem de doze ou treze annos de idade era rival da constancia, que os Ignacios de Antioquia, e os Polycarpos de Smyrna havião ostentado no seu martyrio. Se as trevas, e os lugares escuros, e subterraneos erão procurados para a celebração dos Divinos Mysterios, daqui não se infere outra cousa afora o ser prohibido o exercicio público de huma Religião, que por mais de trezentos annos lutou peito a peito com todos os poderes da terra, e do inferno.

» Eu sou Pedreiro Livre » dirá qualquer *filho da luz*, quando as cousas levarem bom andamento para a Seita, ou quando ella estiver de cima, porém não haja medo que se atrevão a dize-lo, quando se lhe ponha diante qualquer perseguição, e ainda o mais leve castigo!

» Tambem a ridicularia e a infamia fazem a parte prin-
» cipal dos seus Mysterios.

Veio Nosso Senhor Jesu Christo, verdadeiro Medico, que he das nossas almas, curar as feridas, que recebêra o nosso entendimento, e o nosso coração. Para este pareco mysterio, e cousa absolutamente impraticavel que o homem prefira os tormentos ás delicias, e os males fisicos, que Deos nos envia, já para nos visitar, já para nos desapegar do mundo, á plena saciedade das paixões.

O entendimento, que ainda em o seu estado actual offerece não só as ruinas como de hum magestoso edificio, mas tambem a causa verdadeira, que as produzio, qual foi a soberba, não podia fazer cousa nem melhor, nem mais agradavel ao seu Creador, do que hum inteiro, e o mais rendido sacrificio a esse complexo maravilhoso de verdades, que lhe são impenetraveis.

Se a nossa Religião carecesse de Mysterios, nem por isso deixaria de ser combatida na parte Moral, e então os seus inimigos levantando ousadamente a voz, por certo que a censurarião de ser obra humana, e de não ter nada que nos désse a entender huma origem Divina. Adoremos pois esse composto admiravel, onde a luz da Moral he acompanhada de mysteriosas trevas, e nunca se atreva huma razão imperfeita, e mesquinha em tudo a nivellar-se com a Intelligencia Divina; antes humilhada na consideração de Mysterios, que se encaminhão todos para a maior felicidade do homem, ratifi-

que todos os dias a protestação, que fez ha poucos annos hum Filosofo convertido (1). *O' meu Deos, todos os vossos Mysterios são Mysterios de amor, e por isso mesmo he que são Divinos! O homem nunca inventaria assim; he cousa muito superior ás suas forças. Só Deos he que no-los podia ensinar, porque só hum Deos os podia fazer. Se o homem refusa crê-los he por ser ingrato, e he ingrato, porque está cego.*

" Eu não imputarei aos Christãos os crimes, que injus-
" tamente lhes forão attribuidos por Hierocles, Celso, Pro-
" phirio, e Juliano. Familiarisado desde o berço com esta
" multidão desprezivel, eu noto em sua origem o grande cri-
" me, o fanatismo, que dominava entre elles nos quatro pri-
" meiros seculos de sua infausta propagação. — Bayle, Rous-
" seau, Freret, Wolney, Voltaire, Diderot, D'Alambert,
" o Barão de Holbach, o Jurista d'Ingolstad, o immortal
" Frederico II, tendo aliàs escripto sobre este assumpto o
" mais, e o melhor que se póde desejar, tem guardado todos
" hum alto silencio, e nem hum só faz menção dos crimes,
" que lhes forão accusados pelos Auctores, que deixo nomea-
" dos. Eu pois imitando fielmente o exemplo de tão conspi-
" cuos Mestres, com que tão gloriosamente se enobrece a
" *nossa Sociedade*, e de cujas obras immortaes brilha, e res-
" plendece *sobre nossos ajuntamentos* o luminoso clarão de
" seus principios venerandos, insistirei nos mesmos argumen-
" tos, ampliando todavia, e roborando estes assumptos com
" argumentos, que tenho bebido na applicação á *Rival* =
" *Antagonista.*

" E com effeito será necessario arguir os Christãos de
" reuniões nocturnas entre os mortos, e os sepulchros, acre-
" ditando a resurreição dos cadaveres, como o mais doce de
" seus entretenimentos? Será preciso crimina-los de que elles
" em hum festim abominavel, depois de haverem jurado odio
" aos deoses, e aos homens, devorão as palpitantes carnes
" de hum menino recem-nascido? E que acabado este acto
" deshumano, os cães applicados aos crimes de seus senhores,
" entrão na assemblea, destruindo os fachos, e então se pro-
" curão por meio das trevas, unindo-se ao acaso com abraços
" libidinosos, fazendo o número, e a varieade dos incestos o
" merito, e a virtude? Certamente não. Criminosos de sobe-
" jo, elles merecem a proscripção, e até a morte sem serem
" réos de taes abominações. E não achando fundamento para
" taes imputações, a minha penna, que só he dirigida pelo
" impulso da verdade, e da persuasão, não poderia prosti-

„ tuir-se á narração de factos, que não acredito. Não he
„ bastante conduzir os homens ao culto de hum . . . .
„ . . . . Não basta o grande
„ crime de ter prevaricado a razão humana do modo mais
„ infame, e vergonhoso? Ah! estes crimes são muito atrozes
„ para seus auctores ficarem impunes.

„ Mas em fim estes monstros abominaveis, por huma
„ fatalidade jámais imaginada, poderão collocar, a despeito
„ de todos os obstaculos, o seu throno de ferro na Rainha
„ das Nações, na Cidade por excellencia. „

Muito obrigados lhe ficamos de que não acredite as infamias, e torpezas, que forão lançadas em rosto aos primeiros Christãos, e ainda mais obrigados lhe ficamos por tecer o catalogo dos *homens grandes*, que são as luzes, e os sustentaculos da Maçonaria Portugueza. Não podia allegar testemunhas mais capazes de abrirem os olhos a quem ainda queira duvidar do que são os Pedreiros Livres. A maior parte desses grandes senhores erão Atheos, e nem sequer hum só delles poderá ser absolvido da nota de impio. O famoso Professor de Ingolstad he o mais insolente de todos os antigos, e modernos, que forão marcados pelo ignominioso ferrete do Atheismo. Não sei como lhe escapárão os Diccionaristas *Silvano Marechal*, e *Jeronymo Lalande;* porém já escreveo o necessario para se formar hum syllogismo terrivel.

Toda a Sociedade, que venera por seus Mestres os que forão trombetas da Impiedade, e do Atheismo, deve ser exterminada de todos os Reinos, onde appareça, e comece a ter alguma influencia.

Atqui — a Sociedade Oriental de Lisboa reconhece por textos, e oraculos os homens deste jaez.

Ergo: a Sociedade Oriental de Lisboa com todas as suas filiações Coimbrãs, Portuenses, etc. etc. deve ser exterminada deste Reino.

Temos pois na *Sociedade Oriental* cousas pasmosas, e notaveis, que se deduzem claramente das palavras deste adepto, e mormente duas.

1.ª Todos os Portuguezes, que somos Christãos pela graça de Deos, estamos criminosos perante a Maçonaria

(ditoso crime!) de termos depravado a razão humana, e já sentenciados á morte, sem que nos valha a *Filantropia* Maçonica essencialmente avara de sangue humano.

2.ª Existe huma Obra classica para os Mações chamada *Rival-Antagonista*, que não he mais que huma rapsodia de lugares escolhidos dessa alluvião de escriptos impios, que se tem publicado desde 1760 até ao presente; e se eu agora tivesse o ocio necessario para indicar as fontes, de que foi extrahida a *Selecta primeira* dos Pedreiros, que costuma entregar-se aos Noviços de esperanças, e não temesse alguma curiosidade prejudicial aos leitores menos instruidos, não me seria custoso aponta-las.

Já que torna a perseguir-nos com a fastidiosa perlenga desses *escravos* ou *monstros abominaveis*, que chegão a dominar a propria Roma vaidosa, Rainha do Universo, no que torna a offerecer-me a propria espada, com que já o atravessei de parte a parte; seja-me permittido chamar para aqui hum verdadeiro modélo de raciocinio, discussão, e eloquencia tirado de hum moderno Apologista da Religião Christã, a saber, Mr. de Frayssinous, Bispo de Hermopole, e actual Capellão Mor do Rei de França; pois confio que a maioria dos meus leitores folgará muito de o lêr, e ponderar.

„ Transportando-me na idéa aos tempos antigos, (diz elle no Tomo 2.º da 2.ª Edição de París 1825 pag. 418 e seg.) em que todas as Nações erão idolatras, eu supponho que no momento, em que Jesus começava a correr a Judéa, para ahi annunciar a sua Religião, lhe sahio ao encontro hum Filosofo mui versado em todos os conhecimentos, que o mundo estima, e que Jesus teve com elle a conversação seguinte = Correndo assim (pergunta o Filosofo a Jesus) as Cidades, e Aldêas da Judéa para ensinardes aos povos huma nova doutrina, qual he o vosso intento? = Meu intento (responde Jesus) he reformar os costumes de toda a terra, mudar a religião de todos os povos, destruir o culto dos deoses, que elles adorão, para fazer que seja adorado somente o Deos verdadeiro; e, por assombrosa que pareça a minha empreza, affirmo que ha de completar-se. = Porém sois vós mais sabio que Socrates, mais eloquente que Platão, mais habil que todos os grandes talentos, que illustrárão a Grecia e Roma? = Não me prézo de ensinar a sabedoria humana, quero convencer de loucura a sabedoria desses sabios tão applaudidos,

e hei de executar em todo o Mundo, por mim ou pelos meus discipulos, a reforma, que nenhum delles ousaria tentar em huma unica Cidade. = Porém ao menos os vossos discipulos por seus talentos, valias, dignidades, e riquezas brilharão de tal maneira, que escureção o Portico, e o Licêo, e possão facilmente arrastar comsigo a multidão. = Não; os meus enviados serão homens ignorantes, e pobres, tirados da classe do povo, Judeos de Nação, que he bem sabido ser desprezada por todas as mais; e todavia he por elles que eu quero triunfar dos Filosofos, e das Potencias da terra, assim como da multidão. = Porém seria necessario que pelo menos podesseis contar com legiões mais invenciveis que as de Alexandre, ou de Cesar, que levassem na dianteira o terror, e o espanto, e dispozessem as Nações inteiras a cahirem aos vossos pés. = Não; de tudo isso nada entra no meu pensamento. Quero que os meus enviados sejão mansos como cordeiros, e que se deixem degolar pelos seus inimigos; e eu os teria por culpados se desembainhassem a espada para estabelecerem o Reino da minha Lei. = Tendes pois alguma esperança de que os Imperadores, os Magistrados, o Senado, e os Governadores das Provincias favoreção com todo o seu poder a vossa empreza? = Não; todas as Potencias hão de armar-se contra mim, os meus discipulos serão arrastados aos Tribunaes, serão aborrecidos, perseguidos, mortos, e por espaço de tres seculos inteiros se farão esforços para afogar em ondas de sangue a minha Religião, e os seus seguidores. = Mas que terá essa doutrina de tão attractivo, que chame para si toda a terra? = Minha doutrina, replica Jesus, será fundada sobre Mysterios incomprehensiveis. A Moral ha de ser mais pura que a ensinada até agora; meus Discipulos publicarão a meu respeito que nasci em hum Presepio, que passei huma vida pobre, e mortificada, e poderão accrescentar que expirei em huma Cruz; pois devo morrer neste supplicio. Tudo isto ha de ser altamente publicado, tudo isto ha de ser acreditado pelos homens, e sou eu o que vos fallo, sou o proprio, a quem a terra deve adorar para o futuro. = Vem isso a dizer, lhe responde a final o sabio em ar de piedade, que vós pertendeis instruir os sabios pelos ignorantes, vencer as Potencias do Mundo por homens fracos, attrahir a multidão combatendo-lhes os vicios, ganhar discipulos promettendo-lhes tormentos, desprezos, opprobrios, e morte, desenthronisar todos os deoses do Olympo para vos fazerdes adorar em seu lugar, quando vós deveis ser pregado em huma Cruz, sem differença de hum malfeitor, e do mais vil escravo. Ide,

o vosso projecto não he senão huma loucura; bem prestes a irrisão pública vos fará justiça. Para que elle fosse ávante seria necessario refazer a natureza humana; e com effeito essa reforma do mundo moral pelos meios, que me tendes proposto, he tão impossivel como a reforma deste mundo fysico; e mais facilmente eu acreditaria que vos fosse possivel com huma só palavra fazer abalar a terra, e cahir do firmamento o Sol, e as Estrellas, do que o bom exito da vossa empreza. „

Aqui está como se me representa que pensaria, e fallaria hum Filosofo, a quem Jesus communicasse o intento de converter o mundo pagão ao Christianismo, e sem dúvida o successo era de tal maneira impossivel, quando só fosse ouvida a razão humana; que toda a sabedoria estava apparentemente da parte do Filosofo. Está bem; pois o que era humanamente impossivel, he precisamente o que succedeo; a sabedoria humana foi confundida, todas as idéas ordinarias forão transtornadas, a loucura da Cruz venceo o mundo, e eis-aqui o immortal monumento da Divindade do Christianismo.

„ Roma, oh Roma! Teu simples nome basta para fa-
„ zer nascer huma infinidade de idéas grandes, e magestosas.
„ Todos os pensamentos sublimes, que a imaginação póde
„ crear, todas as serias reflexões, que póde suscitar a razão,
„ todas as memorias augustas, que a virtude, e a huma-
„ nidade podem fazer nascer, occorrem, e borbulhão asso-
„ ciadamente na alma do homem pensador com a simples
„ idéa de Roma. O esforço dos Horacios, a castidade das
„ Lucrecias, a integridade dos Brutos, e Catões, o patrio-
„ tismo dos Fabios, e Scevolas, a magnanimidade, e valor
„ dos Scipiões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Pli-
„ nios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajanos,
„ a humanidade dos Titos, tudo, tudo se recommenda com
„ a memoria illustre da Legisladora do Universo.

„ Imagine-se hum homem possuido de toda a magnifi-
„ cencia destas idéas, cheio de respeito, e veneração ao en-
„ trar em Roma: ruinas, sepulchros, templos derrocados,
„ estradas solitarias, ruas desertas, são os miseraveis objectos,
„ que lhe ferem os olhos, mui de longe preparados para ad-
„ mirar a Senhora do Universo. De espaço a espaço desco-
„ bre, he verdade, hum templo magnifico, hum grande pa-
„ lacio; mas breve se desvanece este vislumbre de grandeza,
„ e subitamente se esvae a nascente esperança de encontrar a
„ Roma de Augusto. Estes palacios, estes templos, que se
„ elevão do meio de choupanas, habitação da fome, e da

„ indigencia, carregados de ornatos, e de sobejo embelleza-
„ dos, serão acaso aquelles esmeros de architectura grande, e
„ magestosa, soberba, e varonil dos edificios Latinos? Pode-
„ rá algum delles semelhar-se ao Foro, ao Palacio, ao Am-
„ phitheatro? Descobrir-se-ha em alguma destas modernas
„ praças o menor vestigio dos antigos Rostros? O Capitolio,
„ o terrivel, o venerando Capitolio, aonde se julgava dos
„ destinos das Nações, aonde os Reis curvavão os Sceptros,
„ e depunhão os Diademas, d'onde sahião os irrevogaveis, e
„ tremendos Decretos, que dispunhão da sorte dos povos, e
„ Legislavão ao Universo, que he feito delle? Onde existe?
„ O sollicito viajante ainda o descobre, o seu guia lhe mos-
„ tra o lugar delle. E será este? Differente estrada conduz ao
„ cimo do monte: o palacio do Senador, alguns restos de
„ quebradas estatuas, de relevos desfigurados são todas as ri-
„ quezas, todos os trofeos, todos os despojos, que ornão o
„ antigo Alcaçar do Mundo.

„ Confuso, e humilhado o viajante, não se atreve a en-
„ carar nenhum edificio. Os habitantes ao menos, dirá elle,
„ talvez conservem ainda alguma cousa de Romanos. Tantas
„ virtudes, tanta grandeza não podião de todo extinguir-
„ se. Mas ai! Hum bando de miseraveis, huma plebe indi-
„ gente, vil, e sem costumes são os successores do Povo Rei:
„ huma Côrte effeminada, e entregue aos deleites do ocio, e
„ da impureza, occupa o lugar dos Brutos, e dos Catões.
„ Declamadores sem gosto com affectadas frases (que ou não
„ entendem, ou não crêm) fazem retinir aquelle mesmo ar,
„ que ouvio os eloquentes, os numerosos sons de Cicero,
„ e Marco Antonio: assucarados trovadores infectão com
„ seus ridiculos versos as degradadas Lyras de Virgilio, e de
„ Horacio. Os Scipiões, os Emilios, os grandes Generaes,
„ as invenciveis Tropas da Republica triunfante, são substi-
„ tuidas por hum bando de assoldados Suissos, cujas gran-
„ des proezas, e valor, cujos guerreiros esforços se limitão a
„ fazer a guarda do Papa. Em vez do augusto, e tremendo
„ Senado, hum ajuntamento de homens ambiciosos, insacia-
„ veis de ouro, regem despoticamente, não os direitos das
„ Nações, e deveres dos Reis, e Povos pelas invariaveis leis
„ da justiça e da equidade, como os antigos Conscriptos, mas
„ o corpo invalido da Igreja, levando simplesmente o fito em
„ pescar para a Barca de Pedro as riquezas das Nações, com
„ o sagrado anzol das reliquias, breves, e indulgencias. Ro-
„ ma! oh Roma! (exclamará o contristado viajante) tu já
„ não existes; tua liberdade expirou, logo que franqueaste

» tuas portas ao Christianismo, e tu com ella. A liberdade
» te conservava as virtudes, que mais que tuas façanhas te
» conservavão no imperio do Orbe. Perdeste-a, e desde então
» caminhaste sempre com passos gigantescos ao abysmo da
» miseria, em que jazes mergulhada para eterno exemplo do
» Universo.

» E com effeito, tal he a sorte de quasi todas as Na-
» ções! Florecem, reinão em quanto a liberdade, ou a lar-
» va della subsiste; apenas se eleva a tyrannia, cahe de rojo
» com a liberdade o amor das virtudes: a servidão embrute-
» ce o homem, a Sociedade se muda em hum bando de es-
» cravos, e a miseria succede á opulencia. Assim cahio Ro-
» ma, assim Sparta, assim Hollanda, assim outras muitas.
» Que exemplos para os Tyrannos, e que terrivel escarmen-
» to para os Povos! Nefandos Despotas, em breve estende-
» reis vossos Sceptros de ferro sobre montões de ruinas. Os
» Vandalos, os Godos, e os Arabes não se acabárão ainda,
» e vós os chamais a grandes brados.

» Eis as grandes vantagens da Religião Christã. O Im-
» perio Romano, o mais consistente do Universo, desappa-
» rece logo que admitte em gremio este monstruoso Culto;
» o seu nome se apaga das listas das Nações livres, os gri-
» lhões da escravidão roxeão seus pulsos tyrannisados, e op-
» primidos, o seu Commercio fica para sempre atenuado, e
» suspendido, a sua Marinha, que transportava os incalcu-
» laveis tributos das Nações confederadas, suspende suas na-
» vegações, e apodrece sobre as margens do Tibre: suas Ar-
» mas victoriosas, que espalhárão outr'ora o terror nos con-
» fins do Universo, ficão immoveis nas mãos dos mais deno-
» dados Generaes; finalmente, todas as fontes da prosperi-
» dade nacional ficão perpetuamente paralysadas, sem espe-
» rança de se restabelecerem, e instaurarem. »

Assim desafoga este adepto a sua Luciferina raiva contra a moderna Roma, pondo acima das nuvens a Roma antiga, como se esta houvera sido o prototypo, e o modélo de todas as virtudes! Todo se compraz de que os antigos Romanos dessem Leis ao Mundo; e o espectaculo das Nações vencidas, e esmagadas por seus ferozes conquistadores, bem longe de lhe merecer huma só lagrima, he para elle hum fecundo manancial de gratas, e deliciosas considerações! E com effeito, o assistir a hum combate de Gladiadores, que se despedaçavão mutuamente no Amphitheatro, era mais digno de hum Pedreiro, que o presencear huma longa, para elle, e

tediosa Procissão de Penitencia; a execução de quatrocentos escravos mortos em hum só dia, para se cumprir a Lei Romana, que decretava a morte de todos os escravos, quando succedesse que fosse morto em sua casa algum Cidadão Romano, era mais para recrear hum Pedreiro Livre, que huma apparatosa Festividade Ecclesiastica, v. g. hum Pontifical celebrado pelo Vigario de Jesu Christo na Igreja, ou Basilica de S. Pedro!! Quanto sabem os Pedreiros novos, e velhos! Sabem que o Genero humano era felicissimo, quando gemia sob os pesados ferros da tyrannia, ou dominação Romana! Sabem que nesse tempo só havia em Roma homens livres, e ditosos! E quando se lhe opponhão as authoridades, ou de Cicero, que nos declarou haver em Roma dous mil proprietarios (1), ao mesmo passo que a sua população inteira deitava a hum milhão e duzentos mil habitantes; ou de Juvenal (2), que satyrisa o luxo de muitos Cidadãos Romanos, que contavão no seu serviço até mil escravos, ou mil pessoas, sobre as quaes exercião o direito de condemnar á morte, quando lhes parecesse, pois de certo não havia Lei, que o prohibisse, ou estorvasse; nada disto, e o mais que se possa trazer para o intento, poderá lançar por terra este edificio ideal de perfeição, e grandeza, que sonhou hum Pedreiro Livre, quiçá na hora, em que o *Astro animador dos seres assomando o rubido Oriente*, o apanhava na leitura do *Rival-Antagonista!!*

He todavia mui facil de se attingir, e decifrar plenamente a causa deste odio dos Pedreiros á Igreja de Roma. Dentro dos seus muros existe, e se conserva a despeito de todas as maquinações da terra, e dos abysmos, a Dignidade fatàlissima para os Maçães... Haverá cem annos que hum Papa os denunciou aos Reis, e aos Povos, e os Reis, e os Povos tem pago bem cara a indifferença, com que tractárão os primeiros anathemas fulminados contra huma Seita, que professa igual odio aos Reis, e aos Papas. Forão os Papas a unica trincheira, que por muitos annos obstou aos progressos da Seita; e daqui vem todas essas declamações, que por mil vezes tem sido repetidas, e outras tantas forão completamente refutadas. Nenhum destes frivolos impugnadores, do que nem conhecem, nem sabem avaliar, põe de parte o rançoso lugar commum da sabença Maçonica, ou o trilhado *aranzel das Indulgencias, e das Reliquias*, objectos sagrados, e as-

(1) De Officiis II — 21.
(2) Sat. III — 140.

saz merecedores de todo o respeito, e veneração dos Fieis. Sim, senhor, queremos trazer ao peito huma Reliquia de hum Martyr, queremos ganhar as Indulgencias concedidas em hum Jubileo, e não queremos cingir aventaes de Pedreiro, nem empunhar trolhas, ou espadas do Irmão Vigilante. Não vamos errados, porque ha dezoito seculos se acreditava o que nós hoje acreditamos, e já então se reputava mui feliz quem ensopasse hum lenço no sangue dos Martyres, despedaçados pelas feras nesse grande, e *saudoso* Amphitheatro da antiga Roma. Tinha eu muito que dizer nesta materia; porém he necessario encurtar, quanto seja possivel, a de hum Escripto, que eu desejára fosse lido por todos os bons Portuguezes; e sem chamar a contas essa integridade dos Brutos, e Catões, essa liberalidade dos Augustos, ou essa grandeza dos Trajanos, só notarei a crassissima ignorancia do estado preterito, e presente da Literatura Italiana. Roma por certo que não era a patria de Virgilio, e he a patria do Abbade Pedro Metastasio; e se os Pedreiros entendem, como he de presumir, pela Cidade de Roma toda a Italia, então ainda melhor se convence de *bestial* a sua ignorancia. Se a humanidade está mettendo pelo olhos a estes falsarios o Papa Alexandre terceiro, abolindo a escravidão em 1167, beneficio este feito á especie humana, *pelo qual todos os povos da terra devem abençoar a sua memoria* (1), tambem a Literatura guardará sempre com respeito e saudade o nome do Papa Leão decimo, que foi o principal restaurador das letras, e bons estudos no seculo dezeseis, palma esta que não lhe disputão os mais sabios Protestantes, que ha poucos annos a entretecêrão, e ornárão das flores do estilo, e boa discussão historica (2); e o juizo, que se deve fazer do governo dos Papas, não sahirá da penna de hum Catholico; mas do impio Gibbon, que traçará brevemente este quadro. » Se calcularmos (diz elle) a sangue » frio as vantagens, e os defeitos do governo Ecclesiastico, » podemos louva-lo em seu estado actual, por ser huma ad» ministração suave, decente, e pacifica, que não tem nada » que temer, nem da menoridade, nem do fogo de hum Prin» cipe mancebo, e que não he consumido do luxo, e que » está livre dos males da guerra (3). » Passando agora á Purpura Cardinalicia, e restringindo-me ao que elle chama

---

(1) Voltaire — Essai sur les moeurs etc. Capit. 83.

(2) Alludo á obra de M. Guilherme Roscoe sobre a vida, e Pontificado de Leão X.

(3) De la decad. etc. T. 13 Cap. 70.

tempo da maior degeneração, eu vejo, e admiro hum Querini, hum Passionei (deste, como empenhado na destruição dos Jesuitas, devião os Pedreiros fazer algum caso), hum Gerdil, hum Lucchi, e outros muitos, que só os seus nomes encherião longas paginas! Sem revolver agora as cinzas dos Tassos, dos Ariostos, e dos Guarinis, o Theatro Comico offerece-me hum Goldoni, reputado pelos Francezes hum segundo Moliere, e bem sabido he que Moliere está acima, e não pouco, dos Plautos, e dos Terencios; o Tragico offerece-me hum Alfieri, que muito embora se apropriasse algumas riquezas de Corneille, e de Racine, tambem Seneca podia tomar de emprestimo as riquezas de Sofocles, e de Euripides, e sabio o que todos sabem, pois o melhor que elle fizesse dista infinitamente do Tragico moderno. A eloquencia do Pulpito offerece-me hum Theatino o Padre Ventura, a quem já coube neste Reino a sorte, que ainda não tocou a Cicero, a de conseguir hum Traductor eloquente como elle foi. Nem sequer os Italianos Beccaria, Felice, e Filangieri merecêrão aos Pedreiros huma excepção honrosa! Tal he o fanatismo da Seita Maçonica, que tudo escurece, que tudo atropella para desencaminhar, e trazer perpetuamente illudidos os seus adeptos! Já que tão ferrenho se mostra em culpar a Sancta Religião de Jesu Christo da quéda fatal do Imperio Romano, que já antes de prégado o Christianismo guardava dentro de si os elementos de huma inevitavel destruição, saiba que nem o proprio Auctor das *Cartas Persianas* ousou mentir com esta impudencia, e que foi necessario que o impio Gibbon accrescentasse mais esta causa ás unicas verdadeiras, que já tinha apontado o célebre Montesquieu. Não deixa de vir para o caso a liberdade, ou *a larva della.* Seria melhor juntar por huma vez tudo, e ficaria assim o verdadeiro sentido do Auctor — *alarvadella;* pois he cousa bem estranha que até a propria mascara da liberdade faça taes prodigios de civilisação, e grandeza; e este homem, que lêo, e devorou as obras dos inimigos do Christianismo, podia achar no Irmão Volney o juizo, que elle fazia da liberdade Romana. » Ainda falta provar (diz elle) que os Romanos fossem » homens verdadeiramente livres; pois a sua facil passagem » do seu despotismo republicano para o seu abjecto servilis» mo sob os Imperadores dá lugar, pelo menos, a *grandes* » *dúvidas*, em quanto a essa liberdade (1).

(1) Notas ao Livro ruinoso ou *das ruinas* pag. 337 da Ed. de Londres 1792.

Deixo em silencio as outras e *variadas* bellezas do estilo Maçonico, v. g. aquelle *cahir de rojo*, aquellas *fontes paralisadas*, porque vou tractar de cousas maiores.

» Seja-me desculpada esta digressão, a que me condu-
» zio hum justo sentimento por tantos males, calamidades,
» e oppressões propinadas pela tyrannica dominação de hu-
» ma Religião contradictoria em seus dogmas, ridicula e ir-
» risoria em seu culto, funesta e prejudicial em todas as suas
» consequencias. Visto pois não só a nenhuma utilidade,
» mas antes os funestos e miserandos estragos, com que op-
» prime a Sociedade a Religião infame, que acabo de referir,
» suscitão-se naturalmente duas questões.

I.

» Se a Religião Christã deve ou não ser extincta, e pros-
» cripta da Sociedade?

II.

» Se no caso de nos determinarmos pela opinião affirmati-
» va, quaes deverão ser os meios, que se hão de em-
» pregar para o feliz desempenho de tão alta empreza? »

Cegos de todas as classes, e de todas as condições, abri esses olhos ha muito anevoados pela Maçonaria Portugueza. A Seita dos Pedreiros Livres não terá nada contra a Sancta Religião, que professamos? Será huma associação innocente, que só tracta de apertar os vinculos da paz, e da beneficencia, que devem ligar os homens? Acaso os Romanos Pontifices, que tem excommungado por tantas vezes estes inimigos de Deos, e dos homens, terão combatido hum spectro, ou fantasma? O coração me dá pulos de horrorisado... hum genero de afflicção interior, que parece suffocar-me... quasi me obriga a atirar fóra com a penna... mas he necessario pôr á luz do Sol os pestilenciaes conselhos, as nefandas, e horriveis deliberações, os planos infernaes, e tudo quanto se applaude nessas reuniões de tudo o que ha de mais abjecto, e mais perverso na Sociedade. Já me disserão que exponho a minha vida... isso he bom de dizer a quem não espera outra melhor... continuemos.

» Antes de entrar na discussão da importantissima ques-

» tão, de que se tracta, deverei, para não ser suspeito de
» má fé, ponderar as causas, que me determinão a pegar da
» penna para confutar os principios religiosos do Culto Ro-
» mano, que dominão em quasi toda a Europa, e que tem
» estendido seu manto tenebroso sobre os desditosos habitan-
» tes das outras partes do Mundo, ainda que não tenha ob-
» tido tantos progressos. Mas não me demorarei neste assum-
» pto, que julgo pouco interessante: direi tudo em duas pa-
» lavras. »

Temeo este impio que os *Irmãos* ao verem que era hum Sacerdote, e vociferava com tal furia contra a Sanctidade do Christianismo, e do seu Divino Auctor, se esquivassem de lhe dar o credito, a que elle tão desveladamente aspirava; e por isso metteo aqui huma breve historia da sua vida. Se eu a transcrevesse como jaz no manuscripto, mais de cem testemunhas clamarião por todo o Reino = aquelle Pedreiro he fulano, etc. = Bem certo do *parce sepultis*, quero poupar, quanto me seja possivel, a memoria talvez do proprio, que foi destinado pela Seita para me atravessar o coração... e desejo impedir, quanto em mim for, o desdouro de familias Portuguezas, e Christãs. Transcreverei pois o mais essencial para o meu intento.

» Fui educado com os principios communs, e ordina-
» rios, em que geralmente são instruidas as familias de Por-
» tugal em materias de Religião..... As praticas chamadas
» espirituaes, a que assistia, fizerão em meu coração huma
» tão estranha, e violenta concussão, que eu me rendi facil-
» mente ao apparatoso estrondo de suas maximas, e confes-
» sei a victoria, que ellas alcançárão sobre o meu espirito
» pouco illustrado, e não habituado a ouvir huma lingua-
» gem, que sentenceava terminantemente a sorte dos mortaes.
» Se he verdade (dizia eu então absorto na contemplação su-
» blime das magestosas idéas, que me inspiravão) se he ver-
» dade que hum Deos piedoso reserva para os seus escolhidos
» tão transcendente felicidade; se tem realidade as horrorosas
» penas, com que hum Nume inexoravel ameaça os sacrile-
» gos infractores de suas Leis, quanto são insensatos os mor-
» taes, que ousão, e presumem contravir as suas vontades?
» Não he hum monstro verdadeiramente abominavel o que
» acredita no Ceo, e no inferno, e nem faz por alcançar
» aquelle, nem por evitar este? Detestavel contradicção, ab-
» surdo estranho! Occupado destas idéas mil vezes abençoei

» o meu *destino*: mil vezes beijei gostoso os grilhões *infames*,
» que me escravisavão ....

» Frequentei os estudos filosoficos, e permanecia inalte-
» ravel nos sentimentos religiosos, que estavão tão profunda-
» mente radicados em meu coração. Quando porém fui pro-
» movido ao estudo da Filosofia moral, vi com tanta displi-
» cencia a pouca solidez, a puerilidade, a inconsistencia, a
» fraqueza, e a miseria dos fundamentos e bases, em que se
» eleva o edificio da Religião, que eu me não pude negar a
» huma intensa, dolorosa, e acerba melancolia. Para sere-
» nar, e tranquillisar a tumultuosa lida, em que se agitava
» o meu espirito vacillante, determinei-me a estudar com
» toda a seriedade, e circumspecção as provas da Religião
» em livros magistraes, e naquelles Auctores, que mais dis-
» tinguírão suas pennas na defensa do Christianismo.

» Com effeito, li quanto ha de mais energico, nervoso,
» e convincente sobre estas materias. Não escapou á minha
» curiosidade obra alguma, de que tivesse noticia. Esgotei
» finalmente estes assumptos, posso dizê-lo sem perigo de ser
» exaggerado. Quando o astro animador dos seres escondia no
» Occidente sua magestosa fronte, elle me deixava entregue
» aos meus estudos; e quando assomava o rubido Oriente, elle
» me saudava applicado ao mesmo empenho. Este porfiado
» estudo todavia não pôde dissipar os argumentos, que a
» mim mesmo me propunha, sem que até este tempo tivesse
» lido huma pagina dos livros, que se dizem prohibidos.
» Quando porém tive proporções para ver as razões, em que
» firmavão os seus systemas os inimigos da Religião, notei
» huma tão palpavel, e manifesta superioridade em seus es-
» criptos, huma tal singeleza em seus discursos, e huma *un-*
» *ção* tão insinuante e persuasiva, que não pude por mais
» tempo duvidar de que a verdade, que se presume huma he-
» rança exclusiva dos Christãos, he effectivamente a que pa-
» trocina as gloriosas tentativas dos sabios, luminosos, e ele-
» vados escriptores, que solidamente os tem refutado, e co-
» berto de eterno opprobrio, e ignominia.

» Como eu só procurava a verdade, logo que me con-
» venci de que ella favorecia os que se dizem Incredulos, não
» hesitei em abraçar o seu partido. Não obstante isto, como
» me faltavão os meios necessarios para o desempenho de
» meus projectos, permaneci algum tempo na indifferença,
» até que pude ir a Lisboa, aonde começou verdadeiramente
» huma nova época da minha existencia. Ah! Quanto he
» grata ao meu coração a recordação do dia 24 de Agosto
» de 1823!

„ A' vista do que deixo ponderado, he facil concluir
„ que em mim o abandono da Religião, que professava, não
„ procede nem de ignorancia, nem de ambição. Não de igno-
„ rancia, porque antes que me determinasse a esta mudan-
„ ça, fiz os mais energicos esforços, entreguei-me ao mais
„ assiduo estudo, e empreguei os meios, que em mim erão
„ para esclarecer o meu espirito sobre huma materia, que re-
„ puto da maior entidade, e consideração. Não da ambição,
„ porque quando me liguei á minha Sociedade, ella era uni-
„ versalmente odiada, e perseguida; pois havia muito pou-
„ co tempo que as suas corôas de louro se tinhão convertido
„ em lugubres cyprestes.

„ Nem nós podiamos esperar conservar-nos na = domi-
„ nação regia = quando a ordem politica da Monarchia of-
„ ferecia á nossa consideração o mais aterrador, e horroroso
„ aspecto, o qual apenas ao longe nos deixava divisar por
„ entre perseguições, carceres, forcas, e cadafalços, o amor-
„ tecido facho de nossas esperanças.

„ Mas seria a corrupção do meu coração, que me im-
„ pellio a pegar na penna contra a Religião, que abandonei?
„ Tambem não. Disto dou tantas provas quantos os indivi-
„ duos, que observárão quasi no espaço de cinco annos a
„ minha conducta regular. Estão todos vivos; podem fallar,
„ e attestar a verdade desta asserção. „

Podia este homem dizer de si o que melhor lhe parecesse, visto que presumpção, e agua benta, cada hum toma a que quer. He falsissimo que tivesse lido os melhores apologistas do Christianismo: e dos proprios auctores impios tinha elle bem escassa noticia, afora os extractos, ou venenos, que lhe forão subministrados pela *Sociedade Oriental*, nada mais vio, e se o vio nunca o examinou; pois então lhe seria facil achar em alguns desses, que tanto exalta, e a quem se ufana de ter por mestres, a formal condemnação de seus monstruosos erros (1).

E onde foi elle descobrir a *singeleza*, e a unção!! Do estilo, que seus mestres lhe infundírão, se póde ver que taes erão os estudos rhetoricos deste adepto, que por fraqueza de miolos se rendeo ao vão apparato de sofisticas, e pomposas

---

(1) Por exemplo, J. J. Rousseau no Cap. 7.° do L.° 2 do Contracto Social, quando falla de Moysés, e da Legislação dos Judeos. Notarei aqui de passagem, já que me esqueceo no lugar competente, que he mui provavel não ser *Freret* auctor das obras impias, que correm debaixo do seu nome.

declamações, como desgraçadamente ha succedido a tantos, e tantos que eu conheço! Não chegou a ver o Diccionario de Bayle, que teria para elle o gravissimo inconveniente de ser escripto em Francez, e não me consta que os Pedreiros intentassem até agora pôr em linguagem as obras deste mestre dos Scepticos, e patrão mór dos incredulos.

Quem acreditará que a lição da Ethica de Heinecio fosse a causa principal, que o moveo a examinar os fundamentos da Religião, que professava? Na Ethica de Heinecio ha erros crassos, e palmares, quaes se devião esperar de hum Protestante; mas dado o caso que fosse limpa de todos os erros, nem assim mesmo deveria ser tida como hum *Tractado magistral* das provas do Christianismo, que elle tocou muito por alto, e na forma que pedia o seu methodo, e o seu intento. Na mesma Ethica vem os caracteres da ambição, que este adepto decorou, e soube magistralmente executar em varios incidentes da sua curta, e malfadada existencia. Quando se alistou Pedreiro Livre não affrontava (como elle jactanciosamente diz) as perseguições, e a morte; os que o levárão a este precipicio conhecião-lhe assaz madureza para lhe confiarem altos segredos, e fomentarem as suas esperanças de subir muito em pouco tempo. Foi elle, ao que parece, victima da mais desenfreada ambição; e assim como outr'ora nas Lojas Parisienses acenárão ao Duque de Orleans com o *Sceptro e Corôa*, porque não acenarião agora a este infeliz com a *Mitra e Bago?* Fosse ou não fosse instigado pela ambição, o certo he que lhe transtornárão a cabeça a ponto de que nunca mais soube senão blasfemar, e invectivar contra os Mysterios do Christianismo. Elle finalmente me deveria mais compaixão, se por outra parte eu não soubesse de testemunhas fidedignas que elle tambem era o mais consummado hypocrita. A Seita perdeo muito neste mancebo, para ella de prendas tão relevantes, assim como este Reino ganhou muito em lhe ser tirado este impio disseminador das doutrinas da *Rival-Antagonista.*

„ Quando pois os meus escriptos não tenhão o merito „ da erudição, gozarão ao menos da vantagem da candura, „ ingenuidade, e convicção, em consequencia da qual eu „ passo já a tractar as questões, que me propuz, das quaes „ he a

I.

„ Se a Religião Christã deve ser proscripta da Sociedade?

„ Ponderados attentamente os principios, que deixo ge-
„ nericamente expendidos, e tractados no meu primeiro, e
„ segundo Ensaio, he de facil conclusão a opinião affirmativa.
„ Pois se a Religião do Infame.... „

Religião do infame!!

E he Portuguez, he hum Sacerdote quem assim denomina a Sagrada Pessoa do Verbo feito Homem! Hum Portuguez, que tem a dita de poder chamar fundador da sua Monarchia o proprio Fundador do Christianismo! Ah! Hum Portuguez só fallaria deste modo por instigação de huma Seita, que nunca teve par ou semelhante em genero de maldade, e que transforma os seus alumnos em tigres sedentos de sangue, e de carnagem, e, o que ainda he peor, em Atheos positivos! E demais a mais he hum Sacerdote, que recebeo a imposição de mãos, e o caracter sagrado ao mesmo tempo que já era Pedreiro Livre! Hum Sacerdote, que milhares de vezes proferio as palavras da consagração, e chamou dos Ceos á terra, e ás proprias mãos, que escrevêrão tão descompassada blasfemia, o Homem Deos, a Victima Sacrosancta dos nossos Altares!!

„ Pois se a Religião do Infame he, como fica demons-
„ trado, a funesta causa de todos os males, que inundão as
„ Nações mais florecentes, *aonde* chegou a estabelecer-se; se
„ tem constantemente opprimido os povos com o oneroso ju-
„ go de suas maximas detestaveis; se ella põe barreiras in-
„ superaveis ao progresso das Artes, do Commercio, da Agri-
„ cultura, e da Industria, que são outras tantas fontes da
„ prosperidade nacional; se ella *choca* directamente o adian-
„ tamento da civilisação, e liberdade; se ella encontra o des-
„ envolvimento das Sciencias uteis, ou deleitaveis, desdo-
„ brando especialmente sobre o horisonte Europeo o tenebro-
„ so manto da ignorancia; se ella sobre tudo he huma Reli-
„ gião prestigiosa, falsa, e absurda, o que tenho provado de
„ sobejo, persuado-me que não haverá hum só homem sen-
„ sato, que não diga de todo o seu coração = Esta Reli-
„ gião deve ser eliminada.......... devo advertir, antes
„ de passar á discussão, que *ella ha de ser* considerada, ou
„ em quanto á substancia intrinseca de sua doutrina, ou em
„ quanto ás relações externas de sua disciplina (1).

(1) Assim nesta pagina, como em a seguinte, os claros, ou lacunas do texto servem para mostrar hum córte, que se fez ao Ensaio; e talvez o fizesse o Auctor, quando se vio em perigos de morrer.

„ Não só na theoria, mas muito especialmente na prática
„ ca devemos ter muito em vista estes dous differentes modos
„ de considera-la. Porque, sendo innegavel que os males,
„ que occasiona, tirão a sua maxima origem, já dos dogmas,
„ já dos ritos externos do seu culto, fica claro que deve pe-
„ la prática ser mais vivamente atacada naquella parte, que
„ reflue maiores, e mais consideraveis prejuizos aos povos,
„ que domina, e embrutece. Donde eu tiro huma consequen-
„ cia, e vem a ser: se podessemos figurar huma hypothese, em
„ que a Religião Christã, *longe de offerecer obstaculos á*
„ *propagação das nossas doutrinas*, promovesse, e coadju-
„ vasse de algum modo o complemento dos nossos projectos;
„ nós deviamos, longe de destruir, patrocinar a sua conser-
„ vação.

„ A falta desta conducta tem inutilisado os . . . . . .
„ . . e transcendentes trabalhos literarios: humas vezes. . . .
„ precipitando a seus auctores em hum abysmo de . . . co-
„ mo Lucilio Vanini em Veneza, outras. . . . . victi-
„ mas da execração pública, como . . . . . . outras final-
„ mente vedando o effeito, que se esperava . . . . . .

Ora este homem nunca teria occasião de lêr, ao menos em as horas vagas, o que nos conta o Abbade Rainal sobre as Missões do Paraguay, e sobre o estado felicissimo daquellas gentes convertidas á Fé, e encaminhadas para a felicidade temporal, e eterna pelos zelosos, e incansaveis, e para mim saudosissimos Padres da Companhia de Jesu? Como havia de lêr a Historia dos estabelecimentos Europeos nas duas Indias, escripta por aquelle Auctor, que, sendo mais que suspeito para os bons Christãos, deve ser huma authoridade de grande peso para hum Pedreiro Livre, se a tal obra anda em Francez? De huma porém, onde se expendem os beneficios, que o Christianismo fez á civilisação em geral, e a certos Reinos em particular, quero dizer do — *Genie du Christianisme* — podia elle ter alguma noticia; pois anda, bem ou mal, traduzido em Portuguez; e já não fallo em a Ingleza de Briant, que tractou dignamente a questão sobre as utilidades do Christianismo.

Se estas discussões enchem grossos volumes, não admirem os meus leitores que eu me contente de mostrar as fontes, em que os menos lidos possão beber até saciedade; e para que eu não pareça deixar illesa esta derradeira collecção de blasfemias, sem nexo, sem ordem, e sem provas, que a

isto se chama *ensaio* na frase dos Pedreiros Livres, apontarei dous exemplos, hum de fora, outro de casa.

Que tal foi, perguntaria eu a este adepto, que tal foi o seculo de Luiz XIV? Seria este Rei, e o mais distincto animador das Sciencias, e Artes, algum Judeo, algum Mouro, ou seria Christão? Que Religião era a de hum Bossuet, a de hum Fenelon, a de hum Corneille, a de hum Boileau, e de todo esse côro de Sabios, que nunca houve, nem haverá Governo republicano, que offereça nem tantos em número, nem tão conspicuos, e signalados? Era a Mahometana, ou a Christã? Quando veio o seculo da Encyclopedia, ou da impiedade, que homens houve, que podessem escurecer o ainda hoje, e cada vez mais justamente chamado *o grande seculo*? Bem quizerão arremeda-lo, porém derão á costa, forão mal succedidos na empreza.

Qual foi o seculo mais florecente da Literatura Portugueza? Foi o do Senhor D. João III. E que Religião professava este Soberano? Tanto professava a Catholica Romana, que chamou para este Reino os Jesuitas, e o Tribunal da Inquisição, que o semi-Protestante Dannemoir denomina *horrendo!!!*

Pois com Jesuitas, e Inquisição he possivel que medrem as Sciencias? Quem tal havia de dizer! Assim tolhida, ou cortada pela raiz a *livre communicação dos pensamentos do homem* podião medrar, e medrárão como nunca em Portugal; e assim o attesta hum crescido número de Sabios, que então luzírão, e que ainda não forão excedidos, dos quaes bastará citar, ou nomear os Theologos Fr. Francisco Foreiro, Fr. Jeronymo da Azambuja, D. Fr. João Soares, os Historiadores João de Barros, e Damião de Goes, o Mathematico Pedro Nunes, sem fallar agora em outros, que já se dispunhão em o reinado deste Soberano para occuparem algum dia os lugares mais distinctos do Parnaso.

Hum destes inimigos da verdade conhecida por tal devia ser levado pelas orelhas aos penhascos de Salzedas, de S. João de Tarouca, ou de Pendorada, e ser ahi perguntado sobre quem reduzio á cultura esses sitios ermos, e fragosos, que parecião destinados pela natureza só para domicilio de feras. Tanto que findasse esta viagem deveria logo começar outra ao Mosteiro da Batalha, que admirodo em toda a Europa, e tido por maravilha deste Reino, deve-se todo ao espirito religioso de hum Soberano, que entregou nas mãos da Rainha do Ceo os destinos de Portugal.

Em fim, a Divina Religião de Jesu Christo anima, e aformosea tudo. Sem ella nunca terião existido nem as obras primas de Rafael, e Miguel Angelo, nem os Poemas de Tasso, de Milton, e de Klopstock, que nesta parte he o mesmo que dizer, a ella, e só a ella devem a Italia, a Inglaterra, e a Allemanha os seus Homeros. Ah! Se eu podesse alargar-me neste sujeito, não me seria difficultoso provar que sem Religião tudo he arido, fastidioso, e tudo morre, e que as sublimes idéas do Christianismo dão á Poesia hum caracter sobre-humano, que, por exemplo nas Odes Sagradas, põe o louvado Klopstock acima de Horacio, e até de Pindaro.

Resta-me pois averiguar quaes erão os desejos deste Pedreiro tão estamagado, e furioso contra a Sanctissima, e Amabilissima Religião de Jesu Christo. Que especie de crença tractaria elle de substituir-lhe? Nas suas ultimas palavras nos deixou bem claro o seu intento. Quem louva o Atheo Lucilio Vanini, que, ao ponto de ser queimado, ainda blasfemou, dizendo *que não havia Deos*, louva o proprio Atheismo, e a Sociedade Pedreiros Livres, que benignamente acolhe huns Ensaios tendentes ao mais desastroso de todos os fins, he promotora e complice do mais abominavel de todos os crimes, qual he o Atheismo.

CONCLUSÃO.

Chego ao fim desta em parte mui odiosa taréfa; mas em que dia? A 22 de Fevereiro!! Dia anniversario de outro por ventura o mais feliz de quantos raiárão até hoje sobre a Monarchia Portugueza; pois vio entrar pela barra de Lisboa o nosso Augusto Libertador, salvo de perigos no mar, e na terra! Elle veio conduzido pelo Ceo para encher os votos do sem número de almas fieis, que dia, e noite bradavão ao Senhor = *Acode-nos, Pai amoroso, senão a Fé morre, acaba de todo em Portugal = Domine, salva nos, perimus.* = Ainda que hum papel como este, que tenho refutado, apparecesse ha dous annos affixado nas esquinas de Lisboa, nem por isso havia de ser permittido examina-lo, e combate-lo, o que não era muito, quando em 1822 o annuncio da Traducção Portugueza das Ruinas de Volney esteve affixado nas portas das Igrejas da Capital! Chegou a tal extremo a furibunda intolerancia dos demagogos, que se hum Prégador nomeava no Pulpito a Seita dos Pedreiros Livres, era ameaça-

do de morte, e pelo menos coberto de vilipendios e sarcasmos; e quem sabe se alguns Pastores de maior jerarquia erão mais sollicitos para que não fossem inquietados por maneira alguma os honrados membros das Sociedades do *Aguião*, e do Sul.

Debalde o S. Padre Leão XII. instaurava, e confirmava as providencias dos seus Predecessores sobre a manhosa, e execranda Seita dos Pedreiros Livres; Portugal parecia como isento de obedecer á voz do Mestre da Igreja Universal, e a Bulla Pontificia teve de jazer bons dous annos, ou no pó das livrarias, ou na gaveta dos que erão mandados publicala!!

Já começão felizmente de quebrar-se os grilhões, que tão ousadamente se lançavão ao Magisterio do Pai commum de todos os Fieis! Já o Povo Lusitano conhece que o Sancto Padre ainda exercita a sua bemfazeja authoridade sobre este Reino! Quanto devemos ao Senhor dos Exercitos, ao Deos dos Portuguezes! Se as tormentas nos roubassem para sempre o nosso Libertador... Ai! o seu naufragio tambem o seria das esperanças de todos os bons Portuguezes; e a estas horas eu mesmo fugitivo, errante em paiz alheio, e deitando longos olhos para a minha querida Patria, dissera entre lagrimas, e suspiros... Lá reinão os Pedreiros Livres, onde reinárão os Affonsos, e os Joões!... Porém agora, ó mudança, que só podias vir da mão direita do Excelso! Porém agora eu clamo entre os mais vivos transportes de alegria... Baqueou em terra, acabou para sempre o infaustissimo reinado dos Pedreiros Livres. Quem reina agora he o mui Alto e Poderoso Senhor D. Miguel I, e com elle a paz, e a justiça, que abraçadas huma com outra, e dando-se os parabens de gozarem hum tal dispensador dos seus dons, augurão o mais feliz de todos os reinados. *Fiat*, *Fiat*.

FIM.